

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC/SP  
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E  
EXTENSÃO – COGEAE**

**MARIA HELENA ALVES DE MELO ANDRADE**

**REFLEXÃO FILOSÓFICA NA FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR:  
uma práxis necessária**

**SÃO PAULO  
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC/SP  
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E  
EXTENSÃO – COGEAE**

**MARIA HELENA ALVES DE MELO ANDRADE**

**REFLEXÃO FILOSÓFICA NA FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR:  
uma práxis necessária**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de **ESPECIALISTA** no **Curso de Especialização Magistério do Ensino Superior**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, Faculdade de Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sonia Aparecida Ignacio da Silva

**SÃO PAULO  
2012**

O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta por parte de um "gênio filosófico", de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Gramsci

Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isto existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

Rubem Alves

Para  
Lucia, Oswaldinho, Fernando e Felipe,  
com amor incondicional.

## **Agradecimento**

A Filosofia assusta, mas encanta e seduz! Com essas palavras, a Professora Sonia Ignacio começou a “fazer suas aulas” e a nos encantar.

Em sala, a exposição do professor é inevitável. Seus gestos, seu timbre de voz e entonação, suas condições físicas revelam muito mais sobre seu interior do que o assunto colocado em pauta.

Qual a beleza, o encanto da professora, senão a sua honestidade, sua nudez diante da classe? Quando falo em nudez é exatamente esse o termo que mais se adequa à observação e análise que fazemos dos nossos professores.

Nós, alunas e alunos, despimos nossos professores para encontrar a sua verdade. Para decidir se vale à pena prestar atenção no que ele ou ela vai falar. Prestamos atenção, também, na cor e comprimento do cabelo e na roupa que veste. No modo como volta o olhar para um ponto indeterminado da sala em busca do conhecimento que quer trazer naquele exato momento.

Não é possível enganar o aluno por muito tempo e fazer de conta que ensina. Testamos seu conhecimento, valores, autoridade e paciência. Não os queremos perfeitos. Nós os queremos humanos e verdadeiros!

Querida Sonia, sua movimentação e exposição em sala de aula ficarão guardadas em meu coração, naquele lugar reservado às pessoas especiais que fazem a diferença. Obrigada! Meu mais sincero agradecimento.

Ao final do curso perdi uma professora e ganhei uma mestra. E os mestres

[...] são como as velhas árvores.

Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada.

Habitam um mundo em que o que vale é

a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade”

*sui generis,*

portador de um nome, também de uma “estória”,

sofrendo tristezas e alimentando esperanças.

E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se

estabelece a dois. Espaço artesanal.

*(Rubem Alves)*

Registro também um agradecimento especial ao mestre Silvio Guarde com quem aprendi a olhar a vida e as pessoas com mais generosidade.

## Resumo

Trata-se de pesquisa teórica-bibliográfica, de cunho filosófico-educacional, que discute a importância da reflexão filosófica na formação do professor entendida como uma práxis necessária. Buscou-se responder em que sentido a reflexão filosófica é fundamental na formação e prática do professor e se pode ser o elo entre a teoria e a prática. A motivação pela escolha do tema diz respeito aos índices de alfabetismo funcional, fracasso escolar e ao jeitinho eternizado por campanha publicitária de que o brasileiro gosta de levar vantagem em tudo. Iniciamos o estudo abordando as características do ser que ao longo da vida se torna humano, sob a ótica do pensamento de emancipação do homem (Paulo Freire), sua relação complexa com o Cosmo (Edgar Morin) e capacidade de interferir nas condições postas à sua disposição para bem viver. Em seguida, delineamos brevemente um panorama da sociedade brasileira marcada pelas relações escravagistas, de poder e deslumbramento por uma cultura importada do velho mundo através do caminho percorrido por Paulo Freire ao analisar a sociedade brasileira e da crítica de Roberto Gomes sobre a visão do brasileiro sobre si e sua identidade nacional. O próximo passo foi dado em direção ao entendimento do cenário educacional e, particularmente, da educação de adultos iluminado pelo pensamento de Álvaro Vieira Pinto, Bernard Charlot e Antonio Joaquim Severino. Finalmente consideramos que a filosofia, e do ponto de vista desta reflexão, a Filosofia da Educação se apresentam como valiosas aliadas na práxis do professor.

**Unitermos:** ser humano, sociedade brasileira, educação, reflexão filosófica, práxis.

## Abstract

This is a bibliographical-theoretical research, philosophic-educational, which discusses the importance of the philosophical reflexion in the teacher's career understood as a necessary praxis. We tried to answer in what sense the philosophical reflexion is fundamental for the teacher's training and practice and if it is possible to be the link between theory and practice. The motivation for choosing the topic is about the indicators of the functional literacy, school failure and the eternal way of thinking by a hype that Brazilians like to take advantage in everything. We started the study addressing the characteristics of a being that lifelong becomes a human being, from the perspective of the thought of men's emancipation (Paulo Freire), his complex relation with the Cosmos (Edgar Morin) and the ability to interfere in the conditions offered to them to live well. Then, briefly, we outlined an overview of the Brazilian society marked by slavery relations, of power and glamour of a culture imported from the old world through the path taken by Paulo Freire when analysing the Brazilian society and the criticism of Roberto Gomes based on the view Brazilians about themselves and their own national identity. The next step was toward understanding the educatinal setting and, particularly, the education of adults lightened by the thought of Alvaro Vieira Pinto, Bernard Charlot and Antonio Joaquim Severino. Finally, we considered that philosophy, and from the perspective of this reflection, the Philosophy of Education present themselves as valuable allies in the teacher's practice.

**Key Words:** human being, Brazilian society, education, philosophical reflection, praxis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 PROCURO UM HOMEM.....</b>	<b>14</b>
<b>2 DOS FILHOS DESTE SOLO ÉS MÃE GENTIL.....</b>	<b>26</b>
<b>3 UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS.....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## Introdução

Em cada nova campanha eleitoral os candidatos enumeram o que precisa ser feito nas áreas que mais afligem a população: a segurança, a saúde e a educação.

Sabem discorrer sobre o que precisa ser feito. Conhecem os pontos nevrálgicos e prometem investimentos. Posto assumido é hora de mostrar serviço e renovar os cargos públicos de confiança.

É momento também de recompensar os que trabalharam para ganhar votos, foram leais ao partido e a nomeação passa a ser mais uma premiação do que propriamente uma renovação da equipe.

Considerando o contexto da Educação Brasileira podemos afirmar que o povo brasileiro ainda é mal educado. A partir da Conferência Mundial da Educação realizada no ano de 2000 em Dacar, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) elaborou um ranking para medir e assim classificar o desempenho das nações em relação as metas da educação para 2015. Em 2009 e 2010 o Brasil ocupou o 88º lugar, num total de 127 países analisados.

No caso do Brasil, é verdade que o acesso foi facilitado, principalmente na Educação Básica, ainda que na Educação Superior tenhamos um cenário de competição mercadológica marcante e acesso ainda elitizado. Algumas instituições vendem seus cursos a preço de banana, lotam suas salas de aula e colocam um microfone na mão do professor.

Sofremos com os constantes escândalos nas áreas políticas e econômicas. Não cuidamos da coisa pública, jogamos lixo em qualquer lugar, bebemos (exageradamente) para comemorar e depois dirigimos para matar.

Aprendemos a reivindicar direitos, levantar bandeiras, apontar culpados, mas não queremos que nos cobrem os deveres. O que isso tem a ver com a Educação? Tudo. Porque todos passamos pelos bancos de uma escola particular ou pública.

O médico foi aluno. O advogado foi aluno. O dentista foi aluno. O chaveiro foi aluno, assim como o policial, o carteiro e engenheiro. O presidente? Também foi aluno.

Calma. Não estou sendo machista e minha colocação não está privilegiando um dos gêneros. Temos uma presidenta no comando do País, não precisamos mais nos afirmar como competentes ou capazes.

O ser humano se torna humano através das relações que estabelece com seus pares. A escola tem humanizado o seu corpo discente? Como a educação, na sua forma institucionalizada tem tratado este corpo? Só cérebro? Só mão? Só pernas? Só ouvido?

A ninguém agrada passar pelas ruas e ver um amontoado de trapos mal cheirosos, um esboço do que fora humano. Procuram abrigo nas ruas não só os analfabetos, mas também os poetas, os artistas plásticos, os repentistas, os músicos e sonhadores. Por que, então, a educação não confere dignidade ao ser humano?

A questão não é simples. Em entrevista concedida no dia 13 de setembro 2001 à Rede Brasil, o pesquisador Antonio Nóvoa argumentava que:

[...] As escolas valem o que vale a sociedade. Não podemos imaginar escolas extraordinárias, espantosas, onde tudo funciona bem numa sociedade onde nada funciona. Acontece que, por uma espécie de um paradoxo, as coisas que não podemos assegurar que existam na sociedade, nós temos tendência a projetá-las para dentro da escola e a sobrecarregar os professores com um excesso de missões. Os pais não são autoritários, ou não conseguem assegurar a autoridade, pois se pede ainda mais autoridade para a escola. Os pais não conseguem assegurar a disciplina, pede-se ainda mais disciplina a escola. Os pais não conseguem que os filhos leiam em casa, pede-se a escola que os filhos aprendam a ler. É legítimo eles pedirem sobre a escola, a escola está lá para cumprir uma determinada missão, mas não é legítimo que sejam uma espécie de vasos comunicantes ao contrário. Que cada vez que a sociedade tem menos capacidade para fazer certas coisas, mais sobem as exigências sobre a escola.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) divulgou no dia 03 de novembro de 2011 o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil, estamos na posição 84º em uma lista de 187 países. Ainda que a ministra do Desenvolvimento Social, Tereza Campello tenha afirmado que o resultado não reflete os avanços mais recentes do País em saúde, educação e transferência de renda.

Se, de fato, os avanços fossem significativos a população teria sentido os efeitos e, ela própria, refutaria os resultados. Mas, o que tem chegado ao Ensino Superior ainda reflete, se não a ausência de educação formal, a precariedade do que se oferece na Educação Básica. Para nossa infelicidade, há quem chegue, na Graduação, escrevendo felicidade com dois “s”.

E o professor? Temos bons professores? Estão sendo bem formados?<sup>1</sup>

Este trabalho tem o propósito de refletir sobre a importância da reflexão filosófica na formação do professor quando propõe um itinerário formativo para seus alunos. O primeiro capítulo é dedicado a pensar sobre o ser humano e toda complexidade que envolve sua vida e relações. Buscamos entender quem é o homem que queremos formar e que está se formando nas escolas do País e o fazemos fundamentadas no pensamento do grande mestre Paulo Freire e do sociólogo francês Edgar Morin. No segundo capítulo esboçamos um panorama da sociedade brasileira a partir da análise do Prof. Paulo Freire e das ideias de Roberto Gomes sobre a nossa razão tupiniquim, por fim, no terceiro capítulo discorremos sobre a educação. Entendendo ser esta a condição sine qua non para a humanização do ser humano.

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que a autora da pesquisa possui licenciatura em Pedagogia. O que não impede que se faça uma reflexão aprofundada sobre o cenário educacional brasileiro, mesmo sem ter formação em Filosofia.

## Capítulo 1

### Procuro um Homem!

O humano continua esquartejado, partido como pedaços de um quebra-cabeça ao qual falta uma peça (MORIN, 2005, p. 47).

A provocação de Diógenes, ao dizer que procurava um homem explicita a tônica deste capítulo. Entendemos que o filósofo não se referia ao gênero, mas à essência que constitui o ser humano. Aquilo que temos, eu e você, de mais íntimo, aquilo que nos difere e nos torna iguais. Que nos torna singulares.

Diógenes de Sínope, o *Cão* (413 - 323 a.C.)<sup>2</sup>, tornou-se o representante mais vigoroso da escola cínica, uma das quatro novas escolas de filosofia que floresceram durante a era helenística, período conturbado da história ocidental.

Alexandre Magno havia conquistado todo o mundo conhecido pelos gregos antigos e, após sua morte, o império foi dividido em facções. Se de um lado permanecia a unidade cultural, fruto de sua inteligência administrativa, por outro se desencadeava enorme conflito político.

Nesse contexto: os cínicos, os cétricos, os epicuristas e os estóicos vão dedicar-se a refletir acerca de como o homem civilizado deveria viver em um mundo que se mostrava inseguro, instável e perigoso. Questão fortemente atual.

---

<sup>2</sup> MARCONATTO, Arildo Luiz. **Diógenes de Sínope (413 - 323 a.C.)**. Só Filosofia. Disponível em [http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=30](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=30).

Os cínicos defendiam um modo de vida pautado no desprezo do mundo e de algumas instituições entendidas como pilares da sociedade. De acordo com a corrente filosófica, o casamento, o trabalho e a convivência em sociedade se constituíam entraves na conquista da verdadeira felicidade. Ou seja, o que importa está no interior do homem, na sua essência e não fora dele.

Neste momento da história viveu o personagem que inspira este capítulo, Diógenes!

Ao tomar conhecimento dos ideais de Antístenes quis se tornar seu discípulo. Foi aceito após muito insistir e, mesmo diante da ameaça de pauladas não deixou de lado o propósito de fazer experiência de como se tornar melhor e ser feliz.

Tanta obstinação tornou sua filosofia uma forma de viver radical. Para demonstrar sua posição procurou despir-se de toda inquietação que move o homem em busca da satisfação dos desejos até vindo a morar dentro de um barril. Conta-se, em sua biografia, que Alexandre Magno postou-se diante de sua “casa” e perguntou o que poderia fazer pelo filósofo. A resposta teria sido: - *“devolva-me o sol”*.

Diógenes expressava seu modo de pensar e viver utilizando-se de uma expressão bastante provocativa. Durante o dia andava em meio às pessoas com sua lanterna acesa pronunciando a frase: "procuro um homem". Buscava um homem que vivesse de forma simples e que conseguisse superar as exterioridades exigidas pelas convenções sociais.

Ele buscava, em suma, um homem que tivesse encontrado a sua verdadeira natureza, que vivesse conforme ela e que fosse feliz. De forma mais ou menos consciente e radical, essa é a jornada que se impõe a cada um de nós.

“O homem, quem é ele?”<sup>3</sup> tem sido o grande problema de pesquisa da humanidade. Não há como ficar indiferente diante da questão. Ela nos atinge profundamente, quer queiramos quer não.

A busca por respostas que satisfaçam às angústias sobre quem somos, de onde viemos, para aonde vamos, foi sempre marcada pelo momento histórico e cultural da humanidade. Ora tomando o mundo como centro do universo, ora tendo Deus como o centro até chegar ao homem, ponto de partida e de chegada.

Edgar Morin defende que o estudo da condição humana depende das Ciências da Terra, da Cosmologia e da Ecologia, além da reflexão filosófica e de descrições literárias. Este autor faz a seguinte reflexão:

[...] O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos, e ao mesmo tempo, culturais. O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – estão estritamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro. (MORIN, 2004, p. 40).

---

<sup>3</sup> Título do livro de Battista Mondin (1980a) que merece ser lido na íntegra por quem se interessa por um estudo mais acurado sobre antropologia filosófica.

Também nós, hoje, ousamos gritar: “Procuramos um Homem!”. Procuramos um Homem e uma Mulher que, conscientes de seus valores, colaborem na construção de espaços de convivência mais humanizados. O homem não foi feito para viver sozinho. Ele é:

[...] essencialmente sociável: sozinho não pode vir a este mundo, não pode crescer, não pode educar-se, sozinho não pode nem ao menos satisfazer suas necessidades mais elementares nem realizar as suas aspirações mais elevadas; ele pode obter tudo isso apenas em companhia dos outros (MONDIN, 1980a, p. 155).

O ser humano é dotado de corpo, máquina extremamente complexa, sente dor, frio, calor, fome, sede...! Psicologicamente responde às mais variadas emoções, aos sentimentos mais nobres, às fantasias e aos sonhos.

Identificar se determinada pessoa é alta ou baixa, negra ou branca, loira ou morena é fácil, basta ter visão ou ouvir a descrição de alguém. Porém, não identificamos tão facilmente as emoções/imagens geradas/alimentadas pela mente que, muitas vezes, torturam, machucam, alegam... Paralisam!

Precisamos fazer crescer o corpo, mas sem o pensamento e sem a construção do saber, não nos fazemos humanos. Sem as relações com o outro e com o saber do outro, não me descubro como ser humano. Diferente, igual, bom, mau, rico ou pobre... Eis o entrelaçamento das dimensões que podem até ser estudadas em separado, mas não se separam no indivíduo.

“Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é humano: a humanidade não se reduz à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade”. (MORIN, 2004, p. 40).

Dessa forma, a condição humana foi e continua sendo tema de pesquisa de vários autores em diferentes épocas e áreas do conhecimento: Sócrates, Rousseau, Gramsci, Foucault, Goffman, Cassirer, Mondin, Marx, Vieira Pinto, Bornheim, Charlot, Saviani, Severino, Morin entre muitos outros.

Freire (2006), com seu peculiar estilo profundo e poético escreve magistralmente que “o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo” (IBID, p. 47). O homem não está desconectado do cosmos, da terra, do sobrenatural e transcendente, muito menos da sua história e cultura. Ele é “situado e datado” e a “boniteza”<sup>4</sup> desse entendimento está na capacidade que nos é apresentada de ao conhecer o “mundo” poder nele intervir.

Contudo, sem liberdade o ser humano permanece acomodado, ajustado às condições que lhe são impostas pelo contexto em que vive. Liberdade! É mais que sentimento ou encarceramento. É disposição interna, posicionamento diante das circunstâncias e dos fatos que querem nos fazer acreditar imutáveis.

O educador nos aponta as características desse “ser de relações”: pluralidade, transcendência, criticidade, consequência e temporalidade. Vejamos o que isso significa.

O ser humano, diante dos desafios propostos pelo cotidiano, tem à sua disposição uma *pluralidade* de respostas. De acordo com sua formação e grau de maturidade, são múltiplas as maneiras de responder aos problemas que lhe são apresentados. É capaz de avançar ou retroceder, alternar o caminho,

---

<sup>4</sup> O termo nos remete a outra importante publicação de Paulo Freire, **Pedagogia da autonomia** da Editora Paz e Terra.

buscar parcerias, formar alianças, ser subjugado ou simplesmente agir intuitivamente.

Para Morin (2005, p. 57) o ser humano é ao “mesmo tempo singular e múltiplo” e constitui, ele próprio, “um cosmo”, porque:

[...] traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez [...]. (IBID, p. 57).

O entendimento de nossa complexidade é vital para que saibamos distinguir o real (tarefa árdua) do virtual (para usar um termo muito atual). O mesmo autor (IBID, p. 28) nos ilumina o entendimento quando aborda o conceito de Noologia.

Com o surgimento dos mitos, dos deuses e dos seres espirituais, o homem foi induzido a cometer loucuras, massacres, crueldades, adorações, êxtases e rituais secretos.

Os mitos tomaram forma, os deuses se personificaram e as ideias ganharam alma. Mitos e ideias tomaram posse do humano e o Homem possuído foi e é capaz de morrer e matar por um deus ou uma ideia.

As ideias existem pelo homem e para ele, mas o homem existe também pelas ideias e para elas. Somente podemos utilizá-las apropriadamente se soubermos também servi-las. Não seria necessário tomar consciência de nossas possessões para poder dialogar com nossas ideias, controlá-las tanto quando nos controlam e aplicar-lhes testes de verdade e de erro? (MORIN, 2005. p, 29).

Neste ponto de reflexão percebemos o quanto há para descobrirmos sobre nós mesmos. Antes de pensar em uma concepção de homem que queremos formar faz-se mister descobrirmos quem somos e como pensamos para pensar corretamente sobre o que queremos e como queremos. Devemos “manter uma luta crucial contra as ideias, mas somente podemos fazê-lo com a ajuda de ideias” (MORIN, 2005, p. 30).

Seguindo a descrição proposta por Paulo Freire (2006) sobre as características do ser humano temos que ele é capaz de *transcender*, ou seja, consciente de que sua vida é efêmera e finita sabe que um dia não mais viverá (pelo menos, não do modo como conhecemos a vida e o viver). Que, mesmo não tendo experiência da morte, dela tem conhecimento ao ver outros que morrem. Por isso, está sempre em busca de respostas para o sentido de sua existência. Leonardo Boff (2000), renomado teólogo, nos traz a seguinte contribuição:

Creio que a transcendência é, talvez, o desafio mais secreto e escondido do ser humano. Porque nós, seres humanos, homens e mulheres, na verdade somos protestantes, somos essencialmente seres de protest-ação, de ação de protesto. Protestamos continuamente. Recusamo-nos a aceitar a realidade na qual estamos mergulhados porque somos mais, e nos sentimos maiores do que tudo que nos cerca. Desbordamos todos os esquemas, nada nos encaixa. Não há sistema militar mais duro, não há nazismo mais feroz, não há repressão eclesiástica mais dogmática que possam enquadrar o ser humano. Sempre sobra alguma coisa nele. E não há sistema social, por mais fechado que seja, que não tenha brechas por onde o ser humano possa entrar, fazendo explodir essa realidade. Por mais aprisionado que ele esteja nos fundos da Terra, ou dentro de uma nave espacial no espaço exterior, mesmo aí o ser humano transcende tudo. Porque com seu pensamento, ele habita as estrelas, rompe todos os espaços. Por isso, nós seres humanos, temos uma existência condenada – condenada a abrir caminhos, sempre novos e surpreendentes. (BOFF, 2000, p. 4).

Outra característica, essencialmente humana, apontada por Freire (2006), é a *temporalidade*. Somente o Homem se percebe ao existir no tempo. Essa singularidade o torna fantasticamente “interferidor”.

Sou o que sou porque em um tempo passado existi em um lugar. Não sou mais criança, mas a minha infância permanece guardada e emerge na memória quando dela falo. É o que o Cristianismo entende por “fazer memória”<sup>5</sup>. Atualizar o que foi vivido como se vivo estivesse. E de fato está. É assim que atingimos o ontem, reconhecidos que somos no tempo presente.

Pela possibilidade de atingir o ontem, reconhecer o hoje, o Homem pode então projetar o futuro. E o faz em contato com o outro, com sua cultura. É através da partilha que o humano constrói o conhecimento.

Uma criança aprende hoje, em pleno século XXI, que Thomas Alva Edison inventou a lâmpada elétrica incandescente no princípio do século XX e dela se utiliza com um simples apertar de botão sem que lhe seja necessário refazer todos os experimentos do inventor. Nem passar por todas as tentativas frustradas pelas quais Thomas Edison passou.

É capaz também de fazer inferências com os dados que possui e através da reflexão optar com *criticidade*, assumindo a *consequência* de suas escolhas. E o faz somente se estiver livre, se for sujeito de sua história e não apenas objeto.

---

<sup>5</sup> [...] e, tendo dado graças, partiu o pão e disse: tomai, comei; isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. 1 Coríntios 11:24.

Se não estiver dominado pela força dos mitos ou imposições de qualquer ordem, se não se deixar “coisificar”. Para o educador, a criticidade é a superação da ingenuidade.

Se considerarmos a Pedagogia ética veremos que a liberdade é o valor humano fundamental e por ela devem zelar a sociedade, a legislação, a pedagogia, a religião e a cultura.

Qualquer instituição torna-se detestável quando atenta contra a liberdade. É ela quem determina a nossa indignação contra tudo o que pode restringi-la.

No agir humano, a liberdade pode ser designada por três aspectos fundamentais:

1) A capacidade de poder optar por esse ou aquele comportamento ou ação. É o que se denomina correntemente de liberdade de escolha, ou livre-arbítrio, considerada por muitos, sobretudo a partir da modernidade, como a liberdade por excelência, característica fundamental do indivíduo humano e a base sobre a qual se deve construir a ética e a sociedade, sendo aquela o conjunto de normas limitativas da liberdade, que regem as relações entre indivíduos, e esta, fruto de um pacto entre indivíduos livres;

2) A possibilidade de fazer o que se quer sem ser impedido psicológica, social, política, econômica, cultural ou religiosamente. A capacidade humana de optar nem sempre se pode exercer na prática, Há uma grande distância entre o sonho e a realidade, a utopia e a história, o que se gostaria de ser e o que de fato se é, o que se quer e o que se faz. A liberdade é puramente ilusória, se não se traduz na prática, em possibilidade efetiva de fazer o que se quer. A ética, ou é libertadora ou não passa de mais uma ideologia opressora;

3) A propriedade do agir humano de autodeterminar-se, pois a ação só é verdadeiramente humana na medida em que brota voluntariamente do íntimo da pessoa e traduz o que ela decidiu fazer, nos limites de sua escolha e dentro das possibilidades reais que tem de agir, tanto do ponto de vista psicológico, como social, político, econômico, cultural e religioso. Sem desconhecer a realidade da escolha, como sendo uma

decorrência da condição histórica em que se elabora a decisão ética, nem tampouco a exigência dos humanos se irem libertando progressivamente das imposições limitativas ao exercício da liberdade, a ética da liberdade e da consciência se constrói na base da autodeterminação, pois somente esta liberdade, sendo propriedade do agir humano, acompanha sempre o ser humano, na medida mesma em que é humano o seu agir. (CATÃO, 1995, p. 69).

Como ser livre e crítico na sociedade atual a despeito dos potentes canais de opressão? Sim, canais de opressão como: os sistemas políticos, a escola sucateada, os meios de comunicação, dentre eles a TV?

O ser humano está diante de enormes desafios que se impõem, invadem e interferem em sua vida. A maior tragédia do homem moderno? *Ser dominado pela força dos mitos comandado pela publicidade organizada.*

O dia 19 de outubro de 2012 entrará para a história da televisão brasileira como o dia em que o Brasil parou para saber quem matou o personagem Max em Avenida Brasil.

Para os anunciantes foi o horário mais caro já negociado. A companhia de energia elétrica previu sobrecarga e possibilidade de pane na oferta de luz para o consumidor. Um País mobilizado para ver o final de... uma novela.

Não se trata de demonizar a TV, mas é ingenuidade não reconhecer sua força. Basta a personagem usar um modelo de roupa, cor de esmalte ou corte de cabelo que imediatamente passa a “ser modelo”. Os corpos precisam ser cada vez mais esculpidos, mostrados e explorados. Programas educativos ou culturais ficam relegados aos horários menos nobres, de menor audiência.

Como ser livre e crítico com a enorme desigualdade econômica e social? Se a divisão escandalosa de bens não joga as pessoas na rua transforma-as em *postes* (veja a grande parte de nossos jovens que estão nas esquinas com setas penduradas ao pescoço com o único objetivo de atrair compradores para novos empreendimentos).

Um ser humano na condição de poste. Horas parado em determinado ponto para anunciar uma venda. Como se organiza para comer, beber, ir ao banheiro? Direitos humanos? Direitos do trabalhador?

Se de um lado vemos, por exemplo, o crescimento do mercado para cães e gatos se especializar e torná-los quase elevados à categoria de seres humanos, do outro vemos a inanimação do ser humano. Processo mais perverso que a invisibilidade<sup>6</sup>. Esses passam despercebidos e aqueles são plantados no chão qual coisa sem valor, sem vontade, sem existência.

Morin (2005) complementa a definição de ser humano como “*homo complexus*”, ou seja, traz em si, de modo bipolarizado, “caracteres antagonistas”. É sábio, mas louco. Trabalhador, mas lúdico. Empírico e imaginário. Econômico e consumista. Prosaico e poético. Para esse autor o termo complexo:

[...] significa o que foi tecido junto: de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre o objeto de conhecimento e contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. (MORIN, 2005, p. 38).

---

<sup>6</sup> Termo usado pelo psicólogo social Fernando Braga da Costa em sua tese de Mestrado concluída em 2002 sobre a invisibilidade pública.

A busca pelo conhecimento do que nos faz humanos deve fazer parte do interesse do professor de qualquer modalidade de ensino. Sem o real interesse pelo homem, pela sua felicidade, pelo seu aprendizado, não há como cumprir o papel da educação.

## Capítulo 2

### Dos filhos deste solo és mãe gentil!

Brasil ainda tem 12,9 milhões de analfabetos.  
(IBGE 2011)

Este verso do Hino Nacional Brasileiro, com os dados apontados pelo IBGE, faz-nos refletir sobre o abismo que há entre o ser e o querer. Queria o poeta que todos os brasileiros desta nação fossem irmãos, pois somente aos irmãos é garantida a divisão de bens. Queria o poeta, ver o Brasil como mãe gentil. É a mãe quem garante o desenvolvimento saudável de seus filhos, quem acolhe e garante a justa e fraterna convivência.

A Nação vem se reconstruindo desde o “grito de independência”, mas não tem sido mãe gentil, pelo menos não para a maioria dos brasileirinhos e das brasileirinhas que nascem nas periferias, nos morros, nas favelas e nos bairros marginalizados deste imenso País.

A letra do poema foi escrita por Joaquim Osório Duque Estrada em 1909 para dar alma à melodia composta por Francisco Manuel da Silva que a executava desde 1831.

Em contrapartida, somente em 1948, através da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamou-se, em seu artigo 1º, que todas as pessoas “nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e

inteligência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

A História do Brasil vem sendo escrita sobre páginas de exploração e escravidão de seres humanos. Os primeiros habitantes foram desprezados e catequizados e emergiu uma civilização com base nos costumes europeus.

Em solo brasileiro, a família se organizou sob a tutela do patriarcalismo. Era ao homem da casa que todos deviam obediência. Sua posição social era tanto maior quanto maior fosse sua extensão de terras e quantidade de escravos.

Desse modo, não havia uma ética nas relações, pois mulheres não tinham voz e escravos valiam enquanto “bem” a ser contabilizado. O senhor tinha poder de vida e morte sobre os seus e enorme apreço por títulos que eram barganhados por favorecimentos ou grandes somas em dinheiro.

Esse panorama, brevemente delineado, nos faz pensar que o imaginário brasileiro ainda carrega traços desse jeito de ser. Mesmo que não se dê conta, levar vantagem em relação ao outro permanece atual. Seja no trânsito, na fila dos bancos, nos concursos que são fraudados ou nas grandes licitações que envolvem governos e empresas particulares.

A escravidão foi oficialmente abolida em 13 de maio de 1888, mas nunca deixou de existir. Em 1995 o Governo Federal criou o Sistema Público de Combate à Escravidão. Desde então mais de 42 mil pessoas foram libertadas.

No site, [www.trabalhoescravo.org.br](http://www.trabalhoescravo.org.br), página criada para divulgar o andamento e as notícias referentes à Proposta de Emenda Constitucional que ficou conhecida como PEC do Trabalho Escravo, levantamos que:

- No mundo, de acordo com a estimativa da OIT são, pelo menos, 12 milhões de escravos;
- No País, não há estimativa confiável do número de escravos;
- Na zona rural, as principais vítimas são homens, entre 18 e 44 anos; Na zona urbana, há também uma grande quantidade de sul-americanos, principalmente bolivianos. Nos bordéis, há mais mulheres e crianças nessas condições;
- Dos libertados entre 2003 e 2009, mais de 60% eram analfabetos ou tinham apenas o quarto ano incompleto. Ou seja, eram adultos que não estudaram quando crianças. Trabalho escravo também é filho do trabalho infantil;
- O Maranhão é o principal fornecedor de escravos e o Pará é o principal utilizador;
- As atividades econômicas em que trabalho escravo mais tem sido encontrado na zona rural são: pecuária bovina, desmatamento, produção de carvão para siderurgia, produção de cana-de-açúcar, de grãos, de algodão, de erva-mate, de pinus. Também há importante incidência em oficinas de costura e em canteiros de obras nas cidades.

Os filhos dos senhores de engenho, dos barões do café estudavam na Europa para que, ao voltar, assumissem os cargos mais altos no cenário político e econômico. As escolas públicas eram boas e seletivas. Poucos conseguiam passar pelos exames. Isto mudou! Tanto do ponto de vista da qualidade como da quantidade.

As escolas públicas de educação básica são acessíveis. Todo brasileiro tem garantido, por lei, o direito de estudar. Mas a qualidade... há muito que questionar. Os jovens concluem o Ensino Médio e mal sabem grafar corretamente a própria língua.

Existe uma norma culta a ser respeitada para acesso ao Ensino Superior em faculdades públicas e estes, os que precisam da formação, os mais desfavorecidos, ficam de fora. Se servir de consolo, são defendidos por acadêmicos que nomearam de “preconceito linguístico” o estranhamento por parte do outro de seu modo de falar e se expressar.

Vem-me a pergunta: se falo errado, sem concordância e sem coerência como vou escrever certo? Se ao escrever eu falo de mim, do que penso e da maneira que penso de onde vou tirar frases bem escritas, coesas, de fácil entendimento?

Com a outra parte dos jovens, os filhos dos que têm mais recursos, acontece diferente. Estudam em escolas particulares para cursar a Graduação em faculdades públicas, notáveis pela sua posição no ranking educacional, porta de entrada para os melhores empregos (melhor dizendo, os mais bem pagos).

Além disso, ainda hoje tem muito valor e prestígio quem conclui um curso no exterior.

A sociedade mudou. O homem não é mais senhor de sua família. A mulher tem voz e *oficialmente* o trabalho escravo foi abolido. O brasileiro continua vivendo em solo nacional com olhos voltados para a Europa.

Recentemente, D. Marisa Letícia, esposa do então Presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva, entrou com pedido e obteve a cidadania italiana. Não entramos no mérito de julgar se é certo ou errado (é direito garantido por lei), e sim de pensar que se tratava da esposa e primeira-dama do Presidente do Brasil. Personalidade pública com o dever de mostrar aos brasileiros e às brasileiras o quanto valem e quem somos. Mas, quem somos?

*Pensar o que se é, como se é.* Eis o grande desafio já apontado por Roberto Gomes (1994, p. 8). Somos o país do futebol, da mulata, do jogo do bicho, do carnaval, da corrupção, do jeitinho, da piada.

Importamos conhecimento, tecnologia, artigos diversos (até os produzidos na China, conhecida pelo modo como *trata seus trabalhadores e zela pela qualidade* dos produtos). Para Gomes (Idem, p. 6):

[...] somos, os brasileiros, muito bem-humorados. Conseguimos rir de tudo. Do governo que cai e do governo que sobe. Das instituições que deveriam estar a nosso serviço, dos dirigentes que deveriam representar nossos interesses. E não é só. Chegamos a fazer piadas sobre nossa capacidade de fazer piadas. Nada mais ilustrativo do que a série de piadas onde representantes de outros países são ridicularizados pelo desconcertante "jeitinho" de um brasileiro. Neste plano, seja dito, nos movemos com facilidade gritante.

Qual é a nossa identidade? A nossa marca, a que viemos? Sabemos receber e muito bem os que vêm de fora. Mas nos acostumamos com os nossos vivendo nas ruas, trabalhando plantados nas calçadas ou frequentando escolas tão problemáticas que precisam de força policial para manter o mínimo de segurança.

[...] O conformismo brasileiro encontra aí seu terreno de eleição. Justificar, por exemplo, sua própria condição - dependência, insolvência política, jogos de privilégios - através de um simples "o brasileiro é assim mesmo", eis o que impede seja criada entre nós uma atitude tipicamente brasileira ao nível da reflexão crítica, proposta e assumida como nossa. Desconhecendo-se, mal sabendo de uma Razão Tupiniquim, o brasileiro aliena-se de dois modos: rindo de sua sem-importância ou delirando em torno do "país do futuro", em variados "anauês". Na verdade, conformismo e ausência de poder crítico, pois nos dois casos há um abandono - "deixa como está para ver como é que fica" - e uma esperança mágica - "dá-se um jeito". (GOMES, 1994, p. 7).

Assim se expressou o poeta Gregório de Matos (1633-1696)<sup>7</sup> sobre a sociedade baiana do século XVII:

Senhora Dona Bahia,  
nobre e opulenta cidade,  
madrasta dos Naturais  
e dos Estrangeiros madre.  
Dizei-me por vida vossa  
em que fundais o ditame  
de exaltar os que aqui vêm  
e abater os que aqui nascem?

---

<sup>7</sup> **Gregório de Matos** Guerra também chamado de "Boca do inferno", foi um dos grandes poetas representantes do Período Barroco. Não há exatidão na data de seu nascimento, algumas fontes apontam o ano de 1633 como tendo sido a data de nascimento. Foi deportado para Angola por suas composições satíricas contra a política e corrupção da sociedade de seu tempo. Seu tempo? Nosso tempo?

No entanto, há sempre uma voz que se levanta para nos tirar da letargia que nos mantêm “deitados eternamente em berço esplendido”. Em obra já citada no capítulo 1 deste trabalho – Educação como prática da liberdade – Paulo Freire (2006) dedicou um capítulo de livro para analisar **a sociedade brasileira** e os caminhos que fomos tomando ao longo dos anos.

Ao caracterizá-la, estabeleceu a real diferença entre mudança e trânsito. Por **mudança**, entendia tudo o que resulta de processo natural de alterações que acontecem numa mesma unidade de tempo histórico. **Trânsito** é mais que mudança, é um conjunto de mudanças. Uma reformulação radical da sociedade, havendo a substituição de valores sociais em função do surgimento de novos temas. Tempo anunciador!

Esse movimento, de trânsito, só é possível ser feito por homens e mulheres que fazem a leitura do mundo em que vivem e optam sempre pelo caminho de libertação, de conscientização.

Não pode ser datado, pois se trata de um movimento, de uma marcha, vez ou outra interrompida, adiada, sem, contudo ser retrocesso.

Nesse capítulo, o autor aponta que o Brasil nasceu como uma sociedade fechada (FREIRE, 2006, p. 55), assim permanecendo até o século XX, fortemente marcada por fatores culturais, sociais e econômicos. Na sociedade fechada predominava o **HOMEM-MASSA**, com sua **consciência intransitiva**.

São características dessa sociedade:

- alienação cultural (a Semana de Arte Moderna foi um marco na luta por identidade nacional capitaneada por artistas e escritores);
- divisão dialógica entre a elite e o povo. Povo massificado, marcado, humilhado e submisso;
- Centro de decisão de sua economia comandada por agentes externos.

Esse modelo de sociedade não satisfazia à maioria, aos inquietos e incomodados. Aos que queriam uma sociedade democrática, dos que tinham a vontade de que esse país fosse soberano, com um povo livre.

Veio a crise, a sociedade rachou-se impulsionada pela ruptura das forças que mantinham o equilíbrio social. Os principais motivos que possibilitaram essa rachadura foram alterações econômicas e os primeiros surtos de industrialização. Entramos em uma fase de transição.

Se a sociedade não estava ainda aberta, tampouco estava totalmente fechada. De 1964 a 1985 vivemos um período conturbado de repressão e tentativa de fechamento, mas já não havia como aceitar o retrocesso.

O povo não se conformava em ser expectador e passou a exigir participação nas decisões, não queria aceitar a ingerência dos que mandavam

e desmandavam. Tomamos consciência do cenário brasileiro, mas ainda não era conscientização nacional.

As contradições internas contribuíam para que a sociedade não se fortalecesse em torno de uma mesma posição, um mesmo ideal.

Consequentemente, quem lutava por mudanças no cenário nacional necessitava assumir posições radicais, ainda que marcadamente ingênuas, fruto de uma consciência transitivo-ingênuo.

Ingênuo porque os problemas eram interpretados com simplicidade, não se tinha um sentido de coletividade, os argumentos careciam de fundamentos sólidos, as explicações tinham certo tom mágico e distante do diálogo, prevalecia a polêmica. Nessa sociedade em transição predomina o **POVO** com sua **consciência transitivo-ingênuo**.

A passagem da transitividade ingênuo para uma transitividade crítica só poderia ser vivenciada através da educação. Uma educação dialogal e ativa que estivesse voltada para a responsabilidade política e social.

Desse modo alcançaríamos uma **consciência transitivo-crítica** que nos possibilitaria:

- a interpretação dos problemas com profundidade;
- a substituição das explicações mágicas por princípios causais;
- a preocupação em testar os “achados”, dispondo-nos a revisões;
- a negação em transferir responsabilidades;

- a abertura ao diálogo e ao questionamento.

Falamos então de uma **SOCIEDADE ABERTA**, matriz da verdadeira **DEMOCRACIA**. E devemos pensar que há muito por fazer e lutar. Somos uma nação jovem e com menos de 50 anos de regime democrático.

O capítulo “A sociedade brasileira em transição”, permanece atual e merece ser lido e relido como quem porta uma lanterna acesa ao meio dia na busca de um Homem.

Os dados do IBGE de 2011, apresentados ao início do capítulo, nos contam que 12,9 milhões de brasileiros permanecem excluídos do convívio social, permanecem na escuridão.

Assinar o próprio nome, pagar contas no caixa eletrônico, frequentar escola, acompanhar um filme com legendas, fazer contas... Coisas simples e corriqueiras. Simples para mim e você que dominamos duas habilidades básicas: ler e escrever.

A divulgação dos dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, afirma que houve uma queda nos índices. Entre pessoas com 15 anos ou mais caiu de 9,7% (dados de 2009) para os atuais 8,6% de analfabetos.

Apointa também que na Região Nordeste se concentra a maior proporção de analfabetos do País e que 96,1% têm 25 anos ou mais e mais da metade deles se encontram com 50 anos. Ou seja, a porção que deveria ser ativa social e economicamente.

Por que refletir sobre esses temas e estatísticas quando nosso interesse é a educação? Porque, como bem escreveu Paulo Freire (2006, p. 43): “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”.

Entre tantos que se posicionaram, pintaram, cantaram e escreveram sobre a necessidade de *mudanças* no cenário brasileiro, citamos Oswald de Andrade, Tarsilla do Amaral, Mário de Andrade, o próprio Paulo Freire, o grande Álvaro Vieira Pinto, Taiguara, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Chico Buarque, e outros, muitos outros que pagaram com a vida o preço de suas convicções.

Finalizamos o capítulo com uma composição de Chico Buarque. Com ela prestamos homenagem aos que enxergaram longe, aos que tinham desejo por liberdade e consciência genuinamente nacional. E perguntamos “que País é este?”



A figura nos remete ao enigma da esfinge e nos faz refletir. As escolhas que fazemos (conscientes ou não) determinam e interferem não somente em nossas vidas. Elas interferem significativamente na vida de outras pessoas.

# Vence na vida quem diz sim

Chico Buarque e Ruy Guerra

## 1ª versão\*

Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Se te dói o corpo  
Diz que sim  
Torcem mais um pouco  
Diz que sim  
Se te dão um soco  
Diz que sim  
Se te deixam louco  
Diz que sim  
Se te babam no cangote  
Mordem o decote  
Se te alisam com o chicote  
Olha bem pra mim  
Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Se te jogam lama  
Diz que sim  
Pra que tanto drama  
Diz que sim  
Te deitam na cama  
Diz que sim  
Se te criam fama  
Diz que sim  
Se te chamam vagabunda  
Montam na cacunda  
Se te largam moribunda  
Olha bem pra mim  
Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Se te cobrem de ouro  
Diz que sim  
Se te mandam embora  
Diz que sim  
Se te puxam o saco  
Diz que sim  
Se te xingam a raça  
Diz que sim  
Se te incham a barriga  
De feto e lombriga  
Nem por isso compra a briga  
Olha bem pra mim  
Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

## 2ª versão\*

Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Se te dói o corpo  
Diz que sim  
Torcem mais um pouco  
Diz que sim  
Se te dão um soco  
Diz que sim  
Se te deixam louco  
Diz que sim  
Se te tratam no chicote  
Babam no cangote  
Baixa o rosto e aprende um mote  
Olha em pra mim  
Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Se te mandam flores  
Diz que sim  
Se te dizem horrores  
Diz que sim  
Mandam pra cozinha  
Diz que sim  
Chamam pra caminha  
Diz que sim  
Se te chamam vagabunda  
Montam na cacunda  
Se te largam moribunda  
Olha bem pra mim  
Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Se te erguem a taça  
Diz que sim  
Se te xingam a raça  
Diz que sim  
Se te chupam a alma  
Diz que sim  
Se te pedem calma  
Diz que sim  
Se já estás virando um caco  
Vives num buraco  
Se és do balacobaco  
Olha bem prá mim  
Vence na vida quem diz sim  
Vence na vida quem diz sim

Letra vetada pela censura, em disco foi gravada a versão orquestral\*

Gravação de Nara Leão em 1980\*

Após essa pesquisa, lamentamos não ter tido oportunidade de conhecer e conversar com o Professor Paulo Freire. Gostaríamos de ouvi-lo falar sobre suas ideias, suas lutas e poesia. Gostaríamos de lhe perguntar se não faltou incluir uma característica ao humano, a maldade.

A capacidade de pensar, tramar e executar o mal contra o seu semelhante é abominável. Torturar, escravizar ou subjugar é inaceitável em uma sociedade que se diz pós-moderna.

Não podemos deixar cair no esquecimento, ou que figurem apenas nas páginas dos livros, os atos de bravura protagonizados por tantos homens e mulheres (famosos ou anônimos). Façamos do poema de Bertolt Brecht<sup>8</sup> uma leitura consciente da importância do coletivo a despeito do que desejam alguns pequenos grupos dominantes.

### **Perguntas de um trabalhador que lê**

Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis:  
Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída  
Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:  
Quem os ergueu?  
Sobre quem triunfaram os Césares?

---

<sup>8</sup> **Bertolt Brecht** (1898-1956) um importante dramaturgo, poeta e encenador do século XX. Em 1954 recebeu o prêmio Lênin da Paz.

A decantada Bizâncio  
Tinha somente palácios para os seus habitantes?

Mesmo na lendária Atlântida  
Os que se afogavam  
gritaram por seus escravos  
Na noite em que o mar a tragou?

O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Sozinho?

César bateu os gauleses.  
Não levava sequer um cozinheiro?

Filipe da Espanha chorou,  
quando sua Armada naufragou.  
Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu além dele?  
Cada página uma vitória.  
Quem cozinhava o banquete?

A cada dez anos um grande Homem.  
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.  
Tantas questões.

A força física e a brutalidade devem ser banidas das nossas relações e mesmo das nossas salas de aula.

Não se pode conceber um Estado que trate seus professores como proletários da educação. Que os salários variem tanto de uma região para outra e sejam obrigados a ministrar suas aulas em pequenas taperas mal acabadas.

Não se pode conceber ainda que um professor, para ensinar, humilhe seu aluno, grite ou ironize. Para haver educação, de boa qualidade, é preciso

antes haver respeito. Respeito pelo ser humano independente de sua posição social ou econômica, raça, credo ou gênero.

E, por fim e início, não se pode conceber uma família que não eduque seu filho para, respeitar-se e, respeitar o outro.

## Capítulo 3

### Um País se faz com homens e livros

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, em circunstâncias eleitas por eles mesmos, e sim em circunstâncias dadas e herdadas do passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como pesadelo o cérebro dos vivos.

(Karl Marx)

É evidente que usamos uma metáfora ao eleger o mote do capítulo. A frase de Monteiro Lobato nos indica que o nível de desenvolvimento de um país está diretamente relacionado com a cultura e educação de seu povo.

Significa que o sujeito precisa aprender a ler para ler o livro. Aprender a pensar e discutir ideias, ou ainda, fazer a leitura do mundo que está à sua volta. Ler a *palavramundo*<sup>9</sup>. Educar-se!

Charlot (2005, p.137),<sup>10</sup> entende que a educação:

[...] é o processo pela qual um “filhote” da espécie humana, inacabado, desprovido dos instintos e das capacidades que lhe permitiriam sobreviver sozinho, apropria-se, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de saberes, de práticas, de formas subjetivas, de obras. Essa apropriação lhe permite tornar-se, ao mesmo tempo e no mesmo movimento, um ser humano, membro de uma sociedade e de uma comunidade e um sujeito singular, absolutamente original.

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por Paulo Freire em “**A importância do ato de ler**”. Neste artigo, ao relembrar a própria infância, o autor fala sobre sua percepção de que a leitura é percebida pelo sujeito muito antes do seu contato com um texto. O entendimento da produção escrita é precedido pelo conhecimento prévio adquirido sobre o mundo que o cerca e, desse modo, a aprendizagem deve levar em conta todo o saber já adquirido pelo aprendiz.

<sup>10</sup> Bernard Charlot é francês, formou-se em Filosofia e define-se mais como sociólogo do que filósofo. É pesquisador do CNPq e veio morar no Brasil no início do século XXI.

Ao nascer, o bebê precisa ser cuidado por um tempo maior que os filhotes de outras espécies, até que venha a dar os primeiros passos. É incapaz de cuidar de si, nesse momento da existência. Precisa ser cuidado. Precisa apropriar-se da linguagem, dos costumes e tradições da família onde foi gerado e deixado nascer.

Consideramos que, esse fator, torna peculiar o entendimento do mundo, das palavras e dos relacionamentos. As palavras pronunciadas pelos adultos são impregnadas de sentidos e emoções muito próprias do núcleo familiar ou do inconsciente coletivo.

Há palavras que não se pronunciavam até bem pouco tempo (como câncer, por exemplo) por designarem algo temido. Quando alguém queria se referir a um doente com este diagnóstico dizia “aquela doença”. Fazia-se então, um silêncio sepulcral após o pronunciamento da sentença de morte.

Até que a Ciência, através de pesquisas, desmistificou não só a enfermidade como a palavra. O conhecimento iluminou a razão e libertou o homem do medo e da ignorância. Temos então, que o conhecimento liberta. Verdade já anunciada e publicada pelo inesquecível educador, Paulo Freire.

Falamos até aqui da educação informal. Ela acompanha o indivíduo desde o seu nascimento até o momento de sua morte.

A educação informal é o conjunto de saberes que vão se incorporando ao sujeito e tornando-o apto a viver em sociedade. Tem um significado amplo porque “diz respeito à existência humana em todos os seus aspectos” (PINTO, 2005, p. 29).

Aprende-se com os vizinhos, através dos jogos, nos clubes, nas associações e sindicatos. Aprende-se com o paladar e com os demais órgãos do sentido. Aprende-se na igreja, no teatro e no cinema.

Esse conceito de aprendizagem mais abrangente foi enunciado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 em seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

A nossa humanidade vai se formando à medida que nos relacionamos com os nossos pares e aprendemos a jogar o jogo das relações.

O homem aprende a “ser” no mundo “estando” nele e dele se apropriando. O “mundo” a que nos referimos é o conjunto complexo de possibilidades e situações externas e internas que interferem diretamente na vida de um sujeito.

O século XXI viu surgir um cenário educacional fortemente marcado pelo avanço de novas tecnologias e globalização. As possibilidades de busca das informações são infinitas. Na pequena tela de um *smartphone* é possível fazer *download* e ler um livro raro, acessar o acervo de uma biblioteca pública ou trabalhos acadêmicos de sua área de pesquisa. A questão vital é o que fazer com a informação e como torná-la aliada da aprendizagem.

Para Severino (2001, p. 67), a educação é um “investimento intergeracional com o objetivo de inserir os educandos nas forças construtivas do trabalho, da sociabilidade e da cultura”.

Isto é, cada geração deve assumir para si o processo de preparar a criança para que aprenda as normas de convívio social, conquiste um emprego e seja capaz de gerar um descendente que mantenha a linhagem de origem,

Cada um é o que é por ter nascido em um lugar distinto, em certa época histórica e em determinado país. Duas meninas, uma nascida no Brasil e outra na Índia são aparentemente iguais, mas totalmente diferentes quando observadas sob a ótica da cultura. Tomamos como exemplo a cultura Ocidental e a Oriental, para não estabelecer comparações errôneas de cor ou credo.

O exemplo nos ajuda a entender que a educação é “mediada e mediadora, esforço de constituição de significado, explicitando sua condição ontológica de prática humana” (SEVERINO, 2002, p. 67). Ou seja, é o ser humano que está no centro desse processo. É a ele que se voltam e se destinam as práticas e teorias do saber de cada comunidade.

O referido autor nos faz entender que é uma atividade profissional como qualquer outra, é *trabalho* e também *prática social e simbólica*. A escola funciona como aparelho ideológico do Estado que se empenha em “formar” cidadãos para o mundo do trabalho e para viver em sociedade. Para isto são pensadas e elaboradas as políticas públicas, as leis de diretrizes e bases, os sistemas de avaliação e regulação do ensino.

A educação formal marca indelevelmente as relações sociais à medida que alunos e alunas, em número estabelecido por lei, são dispostos em salas de aula devidamente metrificadas, preparadas e organizadas para a exposição do professor.

A sala de aula descrita acima, criticada e desaprovada por vários educadores e pesquisadores, continua como modelo de trabalho ainda hoje utilizado. Crianças, jovens e adultos enfileirados ouvindo a fala do professor sobre determinado assunto para devolver o que foi aprendido em forma de prova.

Paulo Freire nomeou este tipo de educação de “bancária”. A conta seria aberta quando da entrada no Ensino Básico e o depósito seria feito ao longo do ano até atingir o montante esperado.

Todos recebendo o mesmo quinhão e processando a mesma informação, desconsiderando-se as particularidades e genialidades individuais.

Ousamos dizer que tal entendimento de educação é um desserviço à humanidade. Muito distante do que pensava, queria e defendia o educador para quem a educação deve ser vista como prática da liberdade.

Segundo Mondin (1980b, p. 126), do ponto de vista científico e teórico, a educação apresenta três aspectos fundamentais, são eles:

- 1) Pessoal: trata-se de educar uma pessoa e não um objeto. Uma pessoa com personalidade distinta, ativa e criativa. Cabe à educação proporcionar os meios para que o indivíduo se autopromova.

2) Social: é acontecimento interpessoal e social, pois envolve, no mínimo, duas pessoas. Tem como objetivo, além dos demais, de fazer-nos conhecer os outros e habituar-nos a conviver com eles, em harmonia. O fim da educação é obtido agindo sobre cada sujeito e não sobre o grupo, mas também com a contribuição do grupo.

3) Cultural: porque cabe à educação transmitir à pessoa os valores culturais elaborados pela humanidade, transformando um ser inculto em um ser que pode colaborar para o progresso da civilização da qual faz parte.

Para Álvaro Vieira Pinto (2005), a educação é

O processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. É formação (*Bildung*) do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos. (PINTO, 2005, p. 29).

Vejamos como este mesmo autor discorre sobre os aspectos que marcam caráter o histórico-antropológico da educação (IBID, p. 30):

- É um processo porque tem sua existência em um tempo histórico;
- É um fato existencial: o modo como o Homem se faz e faz ser Homem;
- É um fato social: modo pelo qual a sociedade se reproduz a si mesma ao longo de sua duração temporal;
- É um fenômeno cultural: tanto o método como o saber expressam a cultura que se tem e que a sociedade é capaz de expressar pela

linguagem (nas comunidades iletradas há educação, pois há transmissão do saber);

- É privilégio de um grupo ou classe em sociedades altamente desenvolvidas: quando se trata do “saber letrado”;
- É desenvolvida sobre o fundamento do processo econômico da sociedade. Porque é a economia que determina: as possibilidades e condições em cada momento histórico; a distribuição das probabilidades educacionais, tendo em vista o papel atribuído a cada cidadão dentro da comunidade; proporciona os meios materiais para que o trabalho aconteça e, desse modo, dita os fins gerais da educação;
- É atividade teleológica: quando se pensa e traça os objetivos da educação. O que se quer, para quem, para que e como;
- É modalidade de trabalho social, pois forma o membro da comunidade para o desempenho de uma função (geralmente esta necessidade é ditada pelo mercado). O professor é um trabalhador, seu ofício é regulado e fiscalizado pela legislação competente e pelo Ministério do Trabalho e quando tratamos da Andragogia, destina-se a outro trabalhador;
- É um fato de ordem consciente: a atividade pode ser pensada, planejada e executada (não considerando as variáveis que atravessam o processo).
- É um processo exponencial que se multiplica durante sua realização;

- É por essência concreta: o que torna inútil e prejudicial toda discussão abstrata sobre Educação;
- É por natureza contraditória: pois implica conservação do *status quo* e criação de novas possibilidades de entendimento;

Embora não mencione, acreditamos que este autor acrescentaria que é também um processo de ordem inconsciente tal como explicitado pela teoria do Currículo Oculto.

As Teorias do Currículo e suas relações com o poder e a sociedade começaram a ser formuladas nos Estados Unidos na década de 1960. No Brasil, os estudos começaram após o término da ditadura. Dentre os brasileiros que se dedicaram a estudar e pesquisar as Teorias Curriculares Críticas destacamos Tomaz Tadeu da Silva. Segundo este autor, o currículo oculto

[...] é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que as crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas [...] (SILVA, 2010, p. 78).

É preciso considerar que o caráter histórico faz parte da essência da educação. Diz mais sobre a possibilidade de uma re-construção da cultura do que o mero conhecimento do passado. A história da educação facilita a compreensão do processo educacional, mas não a esgota. Não se basta.

Desta forma, é possível afirmar que todo programa de educação é inconcluso ou irrealizável. Isto porque a atividade educacional interfere significativamente sobre os elementos que a compõem como: o aluno, o professor, as metodologias, os objetivos, o panorama social e econômico, etc.

Nesse processo é possível entender a necessidade das reformulações dos programas, da Legislação e das teorias. São as teorias formuladas e reformuladas que possibilitam as mudanças ou não.

Cabe-nos acrescentar que nem sempre são assertivas, eficazes e promotoras do desenvolvimento intelectual e humano do sujeito. Um procedimento educacional pode ser bonito no papel e não funcionar na prática, como ocorreu com a Progressão Continuada.

A educação é histórica. Não porque está delimitada em certo período do tempo (historicidade extrínseca), mas porque é o processo de formação do homem para o novo da cultura, é sua própria história pessoal sendo escrita e contada (historicidade intrínseca). (PINTO, 2005, p. 35).

Já entendemos que a educação é um processo inteiramente intencional. Sendo assim, ela tanto reproduz como transforma a realidade onde o sujeito vive. E só será capaz de transformar quando levar em consideração a postura do educador e o interesse do educando. Na maioria das vezes, professor e aluno não se dão conta de que constroem e reconstroem constantemente uma nova civilização.

“Não se pode pretender formar um homem sem um prévio conceito ideal de homem” (IBID, p. 35). Por conseguinte, esse conceito é formulado por

alguém que tem o poder e a posição social para determiná-lo (como esperar que venha a ser ideal?).

Dependendo da consciência de quem o elabora, duas possibilidades podem ser apresentadas: em uma forma elementar e ingênua, a educação pode ser entendida como via de transformação do não-homem em homem.

Nesta concepção, a maneira de trabalhar visa à quantidade de conteúdo a ser ministrado, a organização do tempo e da sala de aula, a avaliação e as sanções que serão impostas ao aluno.

De uma forma superior e crítica, concebe-se a educação como diálogo entre dois homens. Educador e educando trabalhando juntos, cada qual com suas atribuições e objetivos definidos.

Aqui abrimos parênteses para narrar um acontecimento que ilustra o quanto devemos permanecer atentos e atentas às novas demandas.

Em uma festa de aniversário, uma garotinha de 03 anos avistou um porta-retrato. Aproximou-se rapidamente e ao conseguir agarrá-lo, com suas mãozinhas pequenas, começou a explorar o objeto. Em seguida passou o dedinho pela foto esperando que outra surgisse. Como não surgiu deixou-o de lado e disse para a mãe: - *tá quebrado*. Não estava só não era digital.

Quando esta garotinha for matriculada em uma escola, que tipo de professor irá encontrar?

O conceito de educação está intimamente ligado com o desenvolvimento social de seu povo. O modelo de educação formal estabelecido é sempre a

educação possível para aquela determinada conjuntura social, para atender as necessidades do mercado, o desenvolvimento tecnológico e científico e estabelecer a destinação do que produzimos.

A beleza do conceito de educação como processo cultural é justamente pensar que ao ser partilhada a educação não se esgota e que se fazendo viva na vida do educando ela pode ser ampliada, refeita e reescrita. É importante ressaltar que:

[...] o analfabeto não é um ignorante, não é um inculto, mas apenas o portador de formas pré-letradas de cultura (as quais coexistem às vezes com uma nascente consciência crítica de seu estado, de seu papel social, de seu trabalho). (PINTO, 2005, p. 37).

A educação pensada e dispensada aos membros de uma determinada sociedade pode ser considerada sob os seguintes aspectos:

- Da qualidade do ensino. O que deve e merece ser ensinado. Como deve ser feito e por quê. Entendendo que:

[...] a melhor qualidade para o ensino é criar condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. “Ler não apenas as cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar – nas expressões artísticas, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações científicas”. (RIOS, 2006, p. 138).

- Da quantidade de alunos regularmente matriculados. Diz respeito à acessibilidade à educação formal. Há que se levar em consideração a

permanência e real aprendizado do educando, pois a Universalização da Educação Básica no Brasil permanece como um grande desafio.

- Da posição social. A escola se estrutura e forma seus profissionais de acordo com a população a ser atendida. Enquanto na escola A os alunos têm até aulas de boas maneiras, na escola B a Ronda Escolar fiscaliza a maneira de entrar, o movimentar-se no recreio e a saída da instituição.

O que se faz necessário para mudar esse aspecto perverso de pensar a educação? Que se mude a concepção sobre o valor do homem e do trabalho.

A educação possui uma função social permanente, porque:

a) [...] é apenas o aspecto prático, ativo, da convivência social. Na sociedade todos educam a todos permanentemente. [...] Não existe sociedade sem educação, ainda que nas formas primitivas possa faltar a educação formalizada, institucionalizada. Por conseqüência, nenhum membro é absolutamente ignorante, do contrário não poderia viver.

b) A sociedade está continuamente equipando seus membros com conhecimentos e atitudes que permitem a sobrevivência do grupo humano. (PINTO, 2005, p.38).

Para este autor, a educação é vista como tendo dois motores:

1) Interesse do indivíduo: necessitado por adaptar-se ao meio social. O ambiente seria naturalmente hostil e a arma seria a educação.

2) Interesse da sociedade em aproveitar o conhecimento dos indivíduos para fins coletivos.

Extraordinário “mestre brasileiro”<sup>11</sup>, que já na década de 1970 sinalizava o que ocorre hoje em termos de educação permanente. Vivemos em uma sociedade da aprendizagem onde não só se prolonga a educação obrigatória como se estende a Educação Superior. Não basta concluir uma graduação. Já é preciso buscar uma Especialização, fazer-se Mestre ou Doutor.

Com Juan Ignacio Pozo (2002) podemos dizer que em:

[...] nossa cultura a necessidade de aprender se estende a quase todos os rincões da atividade social. É a aprendizagem que não cessa. [...] Estamos na sociedade da aprendizagem. Todos somos, em maior ou menor grau, alunos e professores. A demanda de aprendizagens contínuas e massivas é um dos traços que define a cultura da aprendizagem de sociedades como a nossa. (POZO, 2002, p. 32).

E ainda que a riqueza de um país ou nação já não é medida em termos de recursos naturais de que dispõe. É medida pelo seu capital humano.

Por fim, encerramos o capítulo com a belíssima colocação do mestre brasileiro, Álvaro Vieira Pinto, de que a educação “é um processo histórico de criação do homem para a sociedade e simultaneamente de modificação da sociedade para benefício do homem”. (PINTO, 2005, p. 39).

Isto pode ser afirmado porque:

- a) O homem é um ser inacabado. Ele se faz ao longo da vida, das experiências que vivencia em sua vida social;

---

<sup>11</sup> Era assim que Paulo Freire definia Álvaro Vieira Pinto.

- b) O homem é um ser livre e criador. Educado pela sociedade, elabora o conhecimento, faz inferências e as transmite a outros indivíduos;
- c) A sociedade desempenha um papel de mediação entre os homens no processo de criação e transmissão de cultura, no qual consiste a educação.

Por mais que se pense no papel reprodutor da educação, o caráter dialético da relação que se estabelece entre educador e educando sobrepõe o trabalho mecânico. O saber comunicado poderá sempre ser alterado, questionado, mudado e reformulado. Hoje sabemos que as verdades não são imutáveis e as certezas... provisórias.

## **Considerações finais**

O Objetivo geral deste trabalho era demonstrar a relevância da reflexão filosófica na postura e prática do professor. Iniciamos o estudo discutindo a concepção de ser humano. O sujeito que se coloca diante do professor e precisa aprender para viver em sociedade, conquistar um emprego e sustentar-se financeiramente.

Aprender não é fácil. Não é prazeroso, como muitos afirmam. Aprender é atividade solitária, penosa e cansativa. É processo mental, intelectual e biológico. Físico e elétrico.

Entender esse posicionamento diante do trabalho educativo é vital para o educador que respeita o ser humano, não o considera uma tábula rasa e deseja aprender enquanto ensina.

É vital para o educando que se coloca diante de uma folha em branco e não sabe como começar a escrever o que pensa. É preciso contar com a paciência para deixar que as ideias se estruturem, sejam tecidas e se libertem. Passem da mente para o papel de forma a traduzir o pensado.

É preciso humilde coragem para identificar o que não se sabe e o quanto não se sabe. Somente assim o próximo passo é dado, a pesquisa surge como fundamento essencial para o desenvolvimento da aprendizagem.

É preciso persistência. A aprendizagem não acontece por osmose, não admite cola. Não é uma entidade que paira acima de nossas cabeças e se incorpora em nossa mente.

Como é difícil para o professor reconhecer que seu aluno não entendeu o que foi explicado. Como é difícil reconhecer que não preparou uma boa aula ou ainda, que mesmo que a tenha preparado, suas atitudes em sala marcam mais do que a matéria exposta.

Todos já pensaram na possibilidade miraculosa de “abrir” a cabeça do sujeito e despejar ali dentro todo o conhecimento possível. Impossível de se fazer.

Acompanhamos o sofrimento real de uma teóloga. Acostumada a preparar aulas, ministrar palestras e se posicionar diante de públicos totalmente diferentes, não conseguia se relacionar com seu computador após iniciá-lo. Fizera cursinhos rápidos, mas na hora de enfrentar a máquina, o pavor era maior que todo seu conhecimento sobre a transcendência e a imanência. Ali, naquele momento, era uma analfabeta digital.

A educação é um processo da ordem da necessidade. O “filhote” precisa aprender para poder viver. A educação é a possibilidade que se lhe apresenta de apropriar-se do patrimônio humano. Possibilidade esta que nunca se esgota e nem se completa. Seja porque ele é “inacabado” seja porque a atividade humana está sempre evoluindo e exigindo novas aprendizagens.

O processo de desenvolvimento educacional de um sujeito está intimamente ligado ao campo do desejo. Uma pessoa só aprende se quiser, quando quiser e o que quiser aprender.

Pode até memorizar uma matéria para devolvê-la em momento oportuno, mas apropriar-se do conhecimento, estabelecer conexões só será possível se for movida pelo desejo do saber, pelo desejo de vencer a ignorância.

É este sujeito da necessidade, da perseverança, da paciência e do desejo que ao longo da vida e das relações vividas... se torna Humano. A humanização do homem pode e deve ser feita pela Educação, isto defendiam Paulo Freire (2006) e Severino (2001) e nisto acreditamos também.

Cabe à educação mediar a realização da plenitude, o que implica para o educando a descoberta de si como humano, sendo seu valor básico a dignidade de ser pessoal, consciente e livre (SEVERINO, 2002, p. 81).

Discutimos também o contexto externo que faz parte do processo de humanização do humano, ou seja, a sociedade. Palco da atuação de indivíduos que se relacionam. Ambiente muitas vezes hostil e competitivo que traz em sua composição um importante componente: o período histórico.

Completando o tripé da formação humana, discutimos o papel da educação. Formal e informal. Mediada e mediadora. Consciente e inconsciente.

Nesse sentido é que nos perguntamos: será a reflexão filosófica fundamental na formação e na prática do professor? Mesmo os professores em formação questionam a presença da disciplina da Filosofia da Educação na Matriz Curricular dos cursos de graduação em Pedagogia.

Entendemos que sim, mesmo para o professor das séries iniciais, a Filosofia se apresenta como recurso fundamental para o exercício de sua atuação profissional.

Entendemos como Saviani (1993) e Gramsci (1978) que se deve destruir o preconceito de que a filosofia é atividade para poucos, para intelectuais ou cientistas. Seu ponto de partida é a constatação de que alguma resposta precisa ser dada a um fato, ou situação que se nos apresenta e não “sabemos” como resolver. É por isso que falamos em práxis. Porque supõe uma relação dialética entre a teoria e a prática.

Nesse sentido entendemos que a filosofia, aplicada ao campo da educação, seja precioso elo entre a teoria e a prática enquanto for capaz de promover “reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade educacional apresenta” (SAVIANI, 1993, p. 37).

Sua função será acompanhar reflexiva e criticamente a atividade educacional de modo a explicitar os seus fundamentos, esclarecer a tarefa e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas e avaliar o significado das soluções escolhidas. Com isso, a ação pedagógica resultará mais coerente, mais lúcida, mais justa, mais humana, enfim (IBID, p. 38).

Reflexão radical quer dizer que é preciso examinar a questão desde seus fundamentos, de sua raiz.

Reflexão rigorosa, que seja examinada com rigor descartando os achismos do senso comum.

Reflexão de conjunto porque não se encontra uma solução mais acertada quando se analisa apenas um dos dados, ainda mais em se tratando da educação de seres humanos.

Finalizamos o trabalho com a certeza de que há muito para pesquisar, refletir e buscar. Não esgotamos os assuntos abordados e se provocamos, pelo menos, uma sensação de inquietude diante dos temas refletidos ficaremos felizes.

## Referências

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CATÃO, Francisco. **A pedagogia ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. A sociedade brasileira em transição. In: **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. RJ: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 11. ed. São Paulo: FTD, 1994.

IBGE

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2222&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1) Acesso em 07 de janeiro de 2013.

<http://www.trabalhoescravo.org.br/noticia/65> Acesso em 19 de janeiro de 2013.

MARCONATTO, Arildo Luiz. **Diógenes de Sínope (413 - 323 a.C.)**. Só Filosofia. Disponível em [http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=30](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=30). Acesso em 29 set. 2012.

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1980a.

\_\_\_\_\_. **Introdução à filosofia:** problemas, sistemas, autores, obras. Tradução de J. Renard. São Paulo: Paulus, 1980b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 1993.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, sujeito e história.** São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem escondeu o currículo. In **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias de currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

